Por A Poesia

Gledson Sousa

*A Floriano Martins, cujas perguntas não sei*

*Se possuem respostas*

*À Fadinha, que caminhou comigo na chuva e no tempo seco*

Por a poesia no seu devido lugar, nesse momento da história, nessa curva da minha existência, nesse mar cotidiano em que vida e morte se somam, se subtraem, se sobressaem nos giros repetitivos da roda samsárica.

Olhar, descobrir que lugar é esse que a poesia brota, se se apossa ou desbasta, se silencia ou se grita solene, essa clareira, essa soberana democrática que dá doses de magistral silêncio e também de horror.

O que é a poesia em mim no mundo, essa carne que se abstrai em onda para se dizer mar novamente, essa tulipa que surge no gelo tomada de vermelho em vontades revolucionárias, essa angústia de balão e catéter em nossa sintaxe, em nossa síntese, em nossas montanhas.

Pensar a vida por um fio, nesse país esquizofrênico, nesse tempo esquizofrênico, onde só a poesia abre os braços e abraça a todos e comunga o todo e conjuga as maneiras diversas do ser para ir além do ser.

Qual esse lugar da poesia em mim, porque, de alguma maneira, exilei a musa para uma interioridade secreta, quando na verdade ela é a rainha do intramundos e do intermundos. Em que chave maldita coloquei minha própria existência e sob um rigor *mortis* exerci em mim a tirania do imperativo categórico kantiano ou mesmo as doçuras morais das virtudes socráticas em detrimento da poesia?

São perguntas tais que nem sei se capaz de respondê-las. Não farei da tábua poética uma peça de retórica arqueológica, ainda que da *arché[[1]](#footnote-1)* da poesia venha o poder de nomear o mundo pelo método confuso, onde dragões não se distinguem de estrelas nem gatos distinguem-se de eclipses. O primeiro arconte foi poético, e o mundo cresceu qual cebola fatiada de poesia, camada após camada, letras escorrendo do vulcão, gelo derretendo em solidão enquanto o mundo, paleontologicamente, ou melhor, poetologicamente ressurgia, vértebra após vértebra, númem após númem, logo após logo entre astros de primeira grandeza e últimas miudezas. São palavras do primeiro arconte, que a luz se faça nua estrela flor de maio, semente do mangue, bulbo de galáxia que explode no amanhecer, e tudo era quieto, fabuloso, negro, raízes no alto, folhas no chão. A ordem era fonte d’água de onde o mar surgia. O primeiro arconte foi mestre da poesia.

Em mim também logo houve um arcontado poético, esse primeiro vagido dividiu minha infância. Sei que falei com anjos, nem sempre simpáticos, e diabos de um chifre só e voz de tormenta, mas isso não importa agora, mas sim como me deixei amordaçar, segurando sóis na garganta e torrentes despudoradas de magma, guardadas sob a superfície, até não mais poder, até não mais conter o mar. Tratei-me como a um país baixo, impondo-me diques aqui e ali, erguendo legendas, costurando línguas, babelizando minhas pulsões até não mais saber de mim, até dizer, ó estranha, o que fazes aqui e uma noite chegar até a lua navegando pelo mar. Chegando lá encontrei poetas, mas não companheiros, eram de outra tribo, e a poesia em mim estava tão entranhada que quando saía era quase uma doença, um comichão cósmico que revirava os astros. Na lua não encontrei pares mas no mar encontrei metas – musicais, metafísicas, espirituais, linguísticas, botânicas; a flor que havia inconsistente bailava agora rebelde e exigia coro e que eu não cantasse em falsete: revirei mantras e disse ao mar: - eis o meu lugar.

Por a poesia no assento do mundo, nesse país desigual e profundo, onde bolsonazis levam a cabo a tarefa da destruição, que a sanha do capitalismo e da ganância pôs em marcha. Nada é em vão, tudo é perene, válido, radiante. Que haja conexões lineares e plurais, multidimensionais e espelhadas, esse é o mistério das coisas, que a poesia confundirá.

Por a poesia em seu devido lugar.

Este lado para baixo, senão não poderei voar. O amor é *Love is a many splendored thing* dançando no escuro, lutando contra a ebulição do caos, segurando a mão um do outro para que não se perca, pois muitos são os labirintos no tempo-espaço, e só o amor, a companhia, o partilhar, podem nos garantir que a solidão não nos devore por inteiro. A poesia é esse amor entranhado ao mundo, amor às coisas e das coisas, pois a poesia não se distingue do lugar do mundo, ela assinala o que está posto o tempo todo, mas que a mente comum, medrosa, apegada a si mesma, temerosa da natureza, recusa. A beleza natural é sem controle, embriagadora, inebriante. Mas a mente do poeta vai além da natureza aparente, ela viaja pelo tempo e pelo espaço, por fora e por dentro, da eternidade à aurora cantando novos começos e antigos fins, para que o mundo se repita em gozo.

Sempre tive muitas dificuldades em estabelecer relações pragmáticas com o mundo e com as pessoas, porque em primeiro lugar estabeleci relações poéticas. Claro que tive de me submeter ao círculo das necessidades, que diz que o habitante do planeta Terra precisa trabalhar para sobreviver, e a questão que estava posta para mim desde o começo era: como, ao mesmo tempo, vender minha força de trabalho sem me corromper? Sem conspurcar aquela que eu sabia ser minha natureza original, tida como sonhadora, utópica, irreal? Desde a mais remota lembrança que possuo de mim como um ser consciente de si, vivia mais em outro mundo do que aqui, vagava por um mundo imaginário, que geralmente era muito claro, muito iluminado, e não entendia a crueldade e dureza das pessoas, ou mesmo a indiferença. De certa forma, era como se vivesse com uma membrana invisível, que me isolava internamente daquele mundo de amarras lógicas e pressões sociais, onde desde cedo era imputado às crianças a cosmovisão deturpada dos adultos. Era como estar em um poço, mas ao contrário, um poço no espaço e quanto mais profundo se estivesse mais alto se estaria, às vezes cairia alguma moeda turvando a água, e no geral o mundo adulto fazia pouco ou nenhum sentido, com suas relações arbitrárias, códigos e proibições. Foi um alivio ler os primeiros livros e saber, sentir que era possível outra relação com o mundo: a primeira versão da Odisseia que li causou em mim verdadeiro frisson: havia monstros, honra, heroísmo, deuses, lutas. Depois de conhecer Cila e Caribdes nunca mais fui o mesmo. Aquilo tudo era próximo, de alguma forma, ao universo das histórias de trancoso, a versão nordestina, assombrada e inventiva, das histórias da carochinha, ou das pequenas histórias, cheias de fundo moral e sabedoria, onde Camões era o personagem principal, que aparecia às vezes quase como um sábio chinês, e que estavam bem distantes do Camões da historiografia literária. Essas histórias de Camões eram contadas por minha mãe e preciso descobrir-lhe as fontes.

É curioso que tendo a poesia tão entranhada em mim, ao longo de 47 anos nunca tenha decorado muitos versos, mas dos que decorei, os mais antigos que me aparecem são de Camões (*alma minha gentil que te partiste / tão cedo desta vida descontente / repousa lá no céu eternamente / e viva eu cá na terra assim tão triste*), Fernando Pessoa (*Ó mar, quanto do teu sal / São lágrimas de Portugal...*); mas falando de poesia, e não só de versos, as lembranças mais fortes e antigas são também do Fédon (em tradução), do início do Processo e do desconforto de Joseph K, dos rins de boi no café da manhã irlandês de Leopold Bloom, em Ulisses (na tradução de Antônio Houaiss), isso tudo li por volta dos 10, 11 anos. Um pouco depois, o *Arcano 17*, de André Breton (*A costa da Gaspésia...*). Sempre fui muito descuidado com o aspecto profissional da poesia. Veja bem, falo do aspecto profissional, do aparecer, se por, circular, não do aspecto formal da construção poética, pois não há poesia sem forma; mas quanto ao gesto de escrever poesia sempre me pareceu uma conversa íntima com o próprio númem, que às vezes partilhá-la parece uma forma de heresia. O mundo conversa consigo mesmo através de nós também, então a poesia é às vezes um sistema ternário de diálogo consigo, diálogo com o mundo e diálogo intrapartes: um triálogo; esses dois últimos possuem uma natureza mais pública, pois o diálogo com o mundo é também um monólogo do mundo consigo mesmo através de nós. É possível esquematizar, um tanto sem originalidade, que as formas épicas e dramáticas tenham a ver com o espírito público da poesia, tal como aludido aqui, e a lírica, possuindo uma relação umbilical com o diálogo consigo mesmo, remeta à esfera íntima, privada. Mas em nossa época, confusa como só ela sabe ser, a lírica hoje possui um peso épico. Numa época de dessubjetivação, como diria George Agambem, um eu lírico corresponde quase a um nós, pois representa uma corrente de resistência contra a perda de identidade, e reflete o mundo ao representar ‘um lugar no mundo’ de X consciência, que, de certa maneira, reflete o todo, o que na dessubjetivação, não consegue se expressar. O eu lírico ganha assim um lugar público, uma notoriedade indesejada, mas pertinente aos tempos em que vivemos. Não é necessário ser ‘uma voz social’, é necessário ser somente ‘uma voz’ que não se rende à força da padronização e esgotamento do humano.

Qual o lugar da poesia em mim, me perguntava, mas talvez o correto qual o lugar de mim na poesia?

E pensar o lugar de mim na poesia é pensar na pulsão poética que me toma, me move, me alimenta. A pulsão poética é uma força, a energia é o próprio logos, que não é somente a palavra, mas linguagem que dialeticamente nasce e se articula, rio contínuo da própria existência. Na medida em que a vida se articula em torno da língua poética, a força poética é a própria vida condensada como linguagem.

Ainda que radicada no mais íntimo da existência, no núcleo mesmo onde a consciência de si se esboça como linguagem, a força poética é algo a meio caminho entre a natureza e a cultura; na verdade, o discurso poético e aquilo que o move, a força poética, são anteriores a qualquer divisão. A maquina conceitual opera as divisões, a força poética busca a totalidade da linguagem, que traduz a totalidade da experiência do ser em contato com o mundo, em seu sempre primeiro contato com o mundo.

Para o poeta, é sempre a primeira vez: ao amar a mesma mulher, ao acarinhar o gato, contemplar o orvalho e os movimentos planetários, mesmo a maquinaria do cotidiano é vista sempre como se fosse a primeira. Bardo de um eterno começo que inicia com a linguagem, o poeta se sente contemplando os deuses dos primeiros dias da janela de sua casa, da sacada de seu apartamento, na beira do mar ou no esgoto do quintal: há sempre relações misteriosas entre as coisas, continuidade entre o vento nos cabelos e a morte das flores silvestres, há uma pergunta no umbral das coisas: o que é o logos?, diria Heráclito. Como o ser se desenha, ou melhor, como o ser se mimetiza em poesia? A que ânsia a resposta poética procura absorver? A força poética busca a totalidade pelas entranhas, a totalidade que a experiência poética busca não é a mesma que a pintura proporciona, ainda que se assemelhem. Ambas, a poesia e a pintura, revelam totalidades e um pensar por imagens. Mas a poesia encontra a totalidade intra, a totalidade da relação entre as partes e as relações do todo. Se uma pintura clássica expressa uma totalidade visual, onde a causalidade está estabelecida no cenário, a imagem poética é um misto de fotografia, pintura e tomografia (ou ressonância magnética), são as relações magnéticas de reciprocidade e atração poética que se desenham no interior do discurso revelando a totalidade intra e inter das coisas. O tempo se congela na pintura e no cinema e se liberta – ou se desfaz - na poesia. A linguagem poética unifica a experiência sensível, que sem ela se perderia em mera sensorialidade desconectada de qualquer consciência unificante. O discurso poético se dirige de um logos a outro, e o logos pressupõe uma ordem, um cosmos articulado dialeticamente em torno de um ser em movimento. Não se trata de intelecto, nem somente de consciência, mas do ser continuamente se reafirmando, se re-unindo em torno da língua.

Talvez pássaro, talvez peixe, nau ou mesmo ferida, o ser poético não para. Cobrindo distâncias com bota de polegar, atravessando dimensões e reunindo seres, o ser poético cruza labirintos e alcança sempre novos universos. Enquanto a esquizofrenia produtiva divide, a poesia reúne.

A poesia não é um irracional. Irracionais são as formas econômicas que insistem na destruição como um motor, e que levam o planeta à beira do abismo, abismo esse como puro lugar da queda, sem redenção.

A poesia é o antípoda desse tipo de pensamento econômico, um lugar onde as pessoas podem ser felizes criando, mesmo em meio à infelicidade.

A poesia com ofício acadêmico é uma espécie de morte. Walt Whitman X Philip Larkin.

XXXXXXXXXXXXXX

Que Miguilim[[2]](#footnote-2) tenha crescido é um milagre poético, assim também o Grivo trabalhando para o Cara de Bronze.

Isso m e lembra a enumeração caótica, tão presente no Cara de Bronze em listas imensas de nomes de plantas e bichos.

Talvez hoje uma das maiores tarefas poéticas seja manter listas intermináveis de nomes de bichos e plantas e evocá-los antes da destruição, renomeá-los numa ordem pura e nova, com uma sinonímia que evoque novos tempespaços:

ONÇA-PINTADA: S.F. Composto – Ser indefinível, meio pajé, meio bicho. Frequentemente há guerras entre as onças, segundo antigas lendas desanas. Imaginamos que as guerras sejam motivadas pela ‘briga das estampas’, evento histórico nunca completamente resolvido entre onças pintadas e mariposas. Há muito tempo atrás, quando as onças pintadas andavam sobre duas patas, o pajé onça Iaracautiri desenhou para sua pele manchas de pegadas vazadas ao centro, evocando as pegadas deixadas no barro da beira dos rios e os fungos no podre das árvores. O desenho de Iaracautiri fez muito sucesso entre as onças (a onça pintada era amarela, sem pintas) e outros bichos, mas quando Iaracautiri já se considerava um mestre da estampa, apareceu a mariposa Verabana reivindicando a primazia da estampa oncina, e a discussão se espalhou pela floresta: os partidários de Verabana diziam que Iaracautiri mentira, que era um pajé de pouca fumaça e muita conversa, ao que os defensores de Iaracautiri diziam que as mariposas eram famosas por mentirem, e que havia sido Verabana que, enquanto pulpa, espionara Iaracautiri à noite, quando ele rabiscava na pele os sóis que iria desenhar. Aí a guerra estourou. Mariposas venenosas contra onças irritadas, catetos contra queixadas, lontras contra suçuaranas, jacarés contra guaribas. Tudo se confundia, se misturava, pois não estava claro quem estava ao lado de quem: as suçuaranas, por exemplo, lutavam ao lado das mariposas, pois achavam que as manchas iaracautireanas prejudicavam a pelagem das onças. Os catetos também estavam do lado das mariposas, porque sabiam ser uma das presas preferidas das onças amarelas. A guerra se expandia e não se resolvia. Coube ao bicho preguiça propor uma solução arbitral: ao invés de lutarem numa guerra total, escolheriam um juiz que arbitraria a favor de um ou do outro, e que seu julgamento daria fim à guerra. Todos concordaram, só lamentaram que a preguiça tivesse demorado tanto para emitir seu raciocínio pacificador, pois a guerra já durava um ano. Escolheram o árbitro: seria a Tiranabóia, que mesclava em si a pequenez da mariposa com a força da onça. Chegado o dia do julgamento, todos se reuniram em uma clareira para ouvirem o veredito. E o veredito foi: o padrão de manchas mais bonito da floresta era o das... tiranabóias... Foi assim que acabou a guerra das estampas.

Assim, haveria entre onças-pintadas um *revival* da guerra antiga entre os bichos. Mas não há provas, a não ser que às vezes aparecem corpos humanos estraçalhados, com manchas oncinas incipientes...

LONTRA: S.F – O *Nêgo do Rio São Francisco, q*ue derruba pequenas embarcações e tenta levar as pessoas para o fundo do rio. São mal interpretadas. Elas querem levar as pessoas para o paraíso aquático que há noRio São Francisco no fundo das águas, mas as pessoas temem a morte e acabam perdendo essa experiênciafundamental.

DENTE-DE-LEÃO: S.M.Composto – Na primeira vez que conversei com dentes de leão eles falaram na diversidade e multiplicidade do ser e, porque não dizer, também de sua adversidade, pois para ir do uno ao múltiplo ou do uno ao diverso o ser caminha longe e perto de si mesmo, fazendo e desfazendo-se em ondas, partículas e sonhos. Dentes de leão são cometas e também plumas, sóis e rubis, balé zen e tornado. Falam mansamente e as vozes soam como pequenas gotas d’água em ondas na enseada numa manhã silenciosa. São tímidos quais nenúfares adormecidos, desconhecem o que seja o ódio, o que seja o medo, o que seja nuvem. Dançam por horas a fio, quando o vento insiste, vão ao mais distante do mundo sorrindo.

FIGUEIRA DE BENGALA: S.F. Composto – São muitas as histórias de velhas figueiras, criaturas de alta antiguidade, presenciaram nascimentos e ocasos por anos e anos. Contam que há muitos milênios atrás, o senhor Shiva, deus da destruição e dos recomeços, enviou seu bodsativa à terra antes da última imersão Atlante. A forma que seu bodsativa encarnou foi a de um elefante negro gigante, cuja tarefa era destruir parte da população da Índia, purgando-a do mal da magia negra. Acontece que onde há trevas há sempre alguma luz, e num dia em que o elefante negro arrasava a costa do Golfo de Bengala, ele encontrou uma imensa figueira, onde abrigava um grupo de humanos que viviam apartados das cidades; eram os bajaus. O elefante negro matava tudo a sua frente sem discriminação e foi em negra fúria que se aproximou da figueira. Os bajaus procuravam se esconder entre as gigantescas raízes retorcidas, mas o elefante negro se aproximava perigosamente. Quando a destruição era iminente, uma voz majestosa e lenta começou a cantar em defesa dos bajaus. A voz dizia que eles eram simples humanos, desconheciam a magia negra e que não havia razão para sua morte coletiva, não havia razão para um carma que contrariava a ordem cósmica, que exige equilíbrio entre as partes, e principalmente justiça e equanimidade. A figueira cantava sua visão de justiça, era um bardo de muitas e muitas folhas, e enquanto cantava uma coisa para o elefante negro, dizia para os bajaus para eles irem embora enquanto o elefante estava contido. E tanto o elefante ficou inebriado e adormecido com o canto quanto os bajaus foram diligentes e fugiram da morte correndo em direção ao mar, onde navegaram em embarcações diversas, e nunca mais voltaram a confiar na terra firme. O elefante negro adormeceu e quando acordou percebeu que fora ludibriado pela figueira e com o marfim negro quis investir para derrubá-la, mas antes que pudesse fazê-lo, percebeu que a figueira era uma encarnação de Vishnu, um bodsativa momentâneo deste, que viera somente para salvar o povo bajau, para que o equilíbrio cósmico não fosse violado com a morte de um povo inocente.

A ÁGUIA PROMETÉICA: Confissão – Que os deuses nos odeiam é público e notório. Refiro-me a nós, animais, que talvez eles odeiem menos que aos humanos. Sabe o que é viver quase a vida toda a comer o mesmo petisco, numa eternidade simulada de dar engulhos? No começo a novidade me agradou, justamente por aquilo que havia de novidade, afinal, eu nunca comera fígado humano. Não me recordo como, só sei que um dia estava a voar sobre as montanhas e lá estava aquele homem acorrentado à rocha, vulnerável, solitário e, eu diria, desprezível. Sim, desprezível. O homem fraco, sem conseguir correr, sem grande força, sem asas, sem um grande nariz ou chifre, em meio ao imenso das coisas, parece um ser desprezível. Ora, convenhamos. Naquelas montanhas só criaturas como nós sobrevivemos: águias, leopardos, ursos, cabritos. E estamos acostumados à dureza da rocha da solidão. Mas os homens? Parecem tão pequenos em meio à majestade das montanhas. E ele estava lá, disponível, vulnerável, preso. Era quase um convite, venha me devorar, estou aqui, fígado à disposição. Não me fiz de rogado, mas também não corri como quem vai para um festim. Foi um impulso, imperativo, é certo, mas um impulso. Uma ideia fixa. Porque habitualmente não devoramos homens ou mulheres. Primeiro, o sabor não nos apetece. Segundo, diferente deles, nós animais consideramos que eles fazem parte da nossa humanidade, e ainda que entre nós nos devoremos há muitas antiguidades seguindo uma lei inexorável, o homem é uma espécie de irmão mais velho que saiu de casa há muito tempo: temos por ele a reverência devida os irmãos mais velhos e a estranheza devida com aqueles que foram embora e do qual não sabemos mais nada. De repente , eu fincava minhas garras naquele tronco de carne macia, e meu bico ia direto à massa vermelha do fígado. Que ele gritou, gritou. Mas os gritos das vítimas não nos incomodam. Se eu parasse de comer a cada grito, morreria de fome. O que seria de mim? Qualquer cabrito montês grita até não mais poder, qualquer sorex grita e estrebucha sem cessar até ter seu crânio esmagado ou seu coração perfurado e isso nunca me incomodou. Mas naquele grito havia muito mais que uma expressão de dor física, era como uma tristeza acumulada, condensada, uma angústia guardada que explodia numa espécie de grito primordial que ecoou por toda a montanha e me assustou a ponto de me fazer hesitar. Olhei sua face: havia tanto sofrimento ali que continuar a devorar-lhe o fígado foi na verdade constrangedor. Mais que um impulso, era uma ordem, ah, não sei, eu tinha que fazer; era uma vontade, não minha, mas uma vontade que perpassava por mim e ia para algum lugar depois, e parecia que a ordem dos astros dependia do meu gesto, de devorar aquele fígado sofregamente. Sim, os deuses são cruéis. Pois ao castigarem aquele também me condenaram. Era tomado a repetir o mesmo gesto todos os dias, tanto que ele nem gritava mais, e eu buscava a precisão com os cortes de minhas garras e de meu bico, mas a cada bocado que eu comia sabia mais daquele homem. Vislumbrava círculos infinitos de tempo que se desdobravam à minha frente, via o futuro através dos pedaços de fígado que entravam em mim, via o tempo desenhar suas curvas sem fim em eventos prodigiosos e assustadores e eu não conseguia deter aquela torrente de imagens, que diziam do tempo e daquele homem, a quem eu devorava sem cessar. Sabia de suas esperanças, de seus crimes, de suas amarguradas expectativas, de seu anseio por pares, de seu arrependimento pelo vindouro. Ele dera o fogo aos humanos, mas seu gesto fora quase tão impulsivo quanto o meu de devorá-lo, com a diferença de que para cumprir aquele impulso ele pensou e planejou, e eu só segui o fluxo do que surgia em mim. Mas se a vontade emanava dos deuses e perpassava por mim ecoando nele como um castigo, de onde provinha a vontade dele? Provavelmente de um além além daqueles deuses que o castigavam e, no fundo, o temiam. Que ele sofreu não duvidem um momento sequer. Pois ainda que a ferida fechasse e eu tivesse de recomeçar do zero, não era sempre assim. Às vezes quando eu chegava era obrigado a desalojar os vermes que se apegavam à ferida e que pareciam lhe causar mais dor que meu bico afiado e sua precisão, que nessas circunstâncias parecia que eu lhe aliviava. Que estranho amor o moveu. Ele queria a todos livres, livre mesmo dos deuses, sei disso, pois seu sangue me fala ainda. Fiquei feliz quando um dia ao chegar para minha tarefa cotidiana, vi que havia outro que quebrara as correntes e o libertara. Ele o amparava com seus braços fortes, pois meu amigo, preso àquela rocha há uma eternidade, não conseguia manter-se de pé. O que o libertava segurava uma clava e a brandia em minha direção, mas aquele a quem eu devorara o fígado por tanto tempo segurou o braço firme do amigo e falou:

- Deixe-a. Ela também sofreu.

Fiquei parado sobre a rocha enquanto eles desciam pela encosta da montanha. Depois voei alto e gritei ao vento, pedindo que apagassem de mim as lembranças do futuro, mas isso não aconteceu.

MIRIÁPODE: S.M S. – Dizem do miriápode que uma vez lhe perguntaram sobre seu caminhar, a qual de seus muitos pés ele movia primeiro para começar a andar. Surpreso pela pergunta, começou a pensar na resposta e nunca mais conseguiu andar (creio que essa é uma história budista).

A linguagem poética é a língua primordial do ser. Ela não é um gesto intelectual, mas a expressão de uma relação de afeto com o mundo. A linguagem poética é uma linguagem afetiva, do tempo em que todos estávamos irmanados – humanos eram todos – e que a razão conceitual veio a romper a irmandade e comunidade e desde o primeiro momento a razão, o pensamento conceitual, foi uma razão de dominação. O pensamento poético é tal uma mãe que acolhe a todos, inclusive aos instrumentos do pensamento conceitual, para colocá-los numa nova ordem, disruptiva e não dominadora. Por isso fazemos uso até da taxonomia.

TAMANDUÁ-BANDEIRA: S.M.C. – O sábio do cerrado, apesar de sua fama ser a de um bicho pouco inteligente. Vagando pelas terras planas da América do Sul, conhece a noite e o dia e a solidão geral que rodeia a todos, por isso seu ensimesmamento, seus traços eremitas e às vezes seu mal humor. Não é nem democrata nem plutocrata. Detesta o comunismo dos térmitas tanto quanto detesta as aristocracias mamíferas. Não gosta do poder. Sua enorme cauda, com seus tantos terminais nervosos, é um contraponto ao pequeno cérebro. Ele não pensa como nós, mas sente em toda a extensão de seu corpo. O que mais lhe intriga é a Via Láctea derramada em milhares de pontos no céu sem fim que cobre o Cerrado. Parece que os milhares de pontos são multidões de cupins vagando acima de sua cabeça, que às vezes ele lança a língua ao céu na esperança de pegá-los, mas nada consegue, nem lamber o céu. Talvez seja melhor assim, ele pensa. Se os comesse o céu ficaria escuro. Então ele deduz que as estrelas não devem ser cupins, mas pirilampos que do alto se comunicam com os de baixo, o que demonstra que deve haver muitos cupinzeiros pela Via Láctea, pois os pirilampos se escondem nas torres de barro. Mas ele é só um tamanduá que vaga por aí, achando que o mundo é grande demais e que estamos sós, piscando à distância à espera da resposta de alguém em algum lugar do cosmo.

URUTAU: S.M – Segundo Leon Clerot (Glossário Etimológico Tupi Guarani) a palavra Urutau quer dizer o Uru Fantasma, sendo Uru o designativo de certas aves e Taú , visão, fantasma. O urutau é responsável por uma verdadeira pantomina do terror. Seu aspecto ameaçador não condiz com seus parcos recursos de ameaça (pouca força, garras inexpressivas, predação da baixa cadeia alimentar); sua gestualidade ameaçadora é uma pantomina quase circense, com seus olhos esbugalhados e bico-boca escancarada, parece ter herdado de uma ancestralidade mais ameaçada esses gestos que no fundo são formas de proteção. Mas ao mesmo tempo, seu mimetismo nagual (nahual, em nahuatl, quer dizer escondidiço, escorrediço, etc.) o insere no rol das criaturas fantasmas, das que se ocultam, buscam próceres na noite que compartilhem a ânsia da escuridão, o gosto pelo sombrio, os cânticos e lamúrias dos mortos. Não sem razão, diversas mitologias indígenas tratam-no como ser de lamentos, herdeiro de histórias funestas onde a tristeza atinge a plenitude. Sua garganta poderia devorar o mundo, pois se abre qual uma caverna sem fim. Já vi no entremundos uma criatura híbrida de urutau e gato, a qual coloquei como personagem do conto FANTASMAS, do livro homônimo. Ela me parecia a simbolização de uma ânsia devoradora que se esconde e cujo sentido de existir está no devorar e não no que se devora. Mas essa é uma criatura de outra fauna. O urutau do mundo euclidiano parece-me um ser das contradições, e mesmo da mentira, mas é somente uma ave escondida num tronco de árvore à espera de, escondida, poder viver.

CARAVELA-PORTUGUESA: S.F.C. – Donas de um dos piores venenos existentes, chegam de mansinho levadas pelo vento e a peste que carregam é tão invisível quanto o bacilo negro. Seu corpo diáfano induz à ilusão: as velas bailam ao sabor dos ventos, há beleza e mistérios circundando-as, o que vem de longe pode ser um deus ou uma ameaça, mas o deslumbramento leva à negligência e quando se vê já estamos tomados por seus tentáculos urticantes e logo o veneno começa a entrar na circulação, induzindo-nos a pensamentos sombrios, a duvidar da existência, a desejar a morte, a adorar a cruz. Todo gozo se torna suspeito e quanto mais profundo o veneno entrar na circulação já seremos outros, nem acreditamos mais que um dia fomos algo que não fosse veneno. Depois ela se afasta, levada pelo vento. Mas já é tarde. O veneno ficou em nosso sangue.

BEIJA-FLOR: S.M.C.- Uma verdadeira ave de fogo, pode não ressurgir das cinzas, mas vive imersa no fogo, se consome diariamente num espetáculo de convulsiva beleza. Pássaro símbolo da América, esse continente tripartido também de fogo e expectativas. Uma coruja de pedra pode representar a Europa de hoje, sempre às voltas com seus fascismos, e um beija-flor de fogo deve representar a América, sempre em busca da beleza e de alimento, mas capaz de incendiar aquilo que toca. Confundidos com insetos por viajantes europeus, na verdade é um ser de fogo e coração. A realização de um verso de Maiakovski (em tradução dos irmãos Campos): Comigo a anatomia ficou louca / sou todo coração.

OS PORCOS DE CIRCE: Circe era uma deusa, não uma bruxa. E diferente do que conta a história, ela não transformou aos homens companheiros de Ulisses em porcos. Eles se transformaram *per si*.

A ilha de Circe era o lugar onde ela reinava como deusa. E tal um paraíso freudiano, os viajantes que por acaso parassem ali eram levados, por uma misteriosa lei de atração, a transmudarem-se em formas animais que melhor expressassem aquilo que eles eram, ou, dito de outra forma, vigorava o imperativo délfico “torna-te aquilo que realmente és”, mas não como uma opção e sim uma condição de existência. Os companheiros de Ulisses, ao adentrarem a ilha, ficaram fascinados com seus esplendores naturais e com a corte feminina, composta de lindas ninfas, náiades, dríades e hamadríades que serviam à Circe. A beleza de Circe por si só era devastadora: só alguém no mais absoluto controle de si resistiria ao seu fogo. Uma vez vista, a beleza de Circe consumia os olhos do espectador tal a chama se alastrando no meio da página.

A transformação não foi imediata: na medida em que o tempo passava, a maior parte da tripulação que ali desembarcou começou a adquirir uma feição porcina: pele grosseira, nariz cada vez mais chato e gestos bruscos, desatenciosos. Depois a voz começou a mudar, foi ficando mais gutural e entremeada de roncos. Passavam o dia a comer e jogar e exigiam da corte feminina toda a atenção, mesmo que estivessem tomados de embriaguez. Circe nada fazia, só observava a lenta transformação, que era na verdade a exteriorização de uma condição interna. Além de porcos, também transformaram-se em rãs, gralhas, coelhos, ratos e leões. Circe não negava nada – alimentos, sexo, roupas. Como deusa, ofereceria seu corpo a Ulisses, e por ora os outros gozavam com as garotas da corte. Cada um dava de si o que havia. Circe agia como a deusa que era e assim resplandecia. Quem era porco assim se sujeitava a que sua forma externa casasse com a interna.

Quando Ulisses resolveu adentrar na ilha em busca dos companheiros que não retornavam, deparou-se com os mais diversos bichos a vagarem. Alguns eram amistosos, outros, claramente arredios e agressivos, haviam esquecido por completo de sua condição anterior, e mesmo de sua humanidade. Ulisses penetrou na ilha e encontrou uma Circe pensativa sentada à beira de uma fonte d’água. Tão concentrada estava olhando as águas da fonte que não viu Ulisses aproximar-se já lhe apontando a espada. Como saída de um transe, ela perguntou:

- Porque me ameaças? Não sabes quem eu sou, a deusa desta ilha? O que queres, ó mortal?

- Vim em busca de meus companheiros de viagem que adentraram nessa ilha a mais de um mês e nunca mais voltaram, e só vejo bichos, nenhum sinal deles. Fala, o que fizestes com eles?

- Ah, mais um viajante. Sei quem tu és, Ó Ulisses, as ondas me avisaram que tu virias. Nada fiz com teus homens. Precisas entender uma coisa, e essa é a natureza de minha ilha e minha própria natureza: de que quem aqui permanece adquire o aspecto que há em seu interior, de modo a que não haja divórcio entre o dentro e o fora. É minha natureza fazer com que haja somente um ‘fora’, e que coincida com o ‘dentro’, de maneira que não haja descompasso no tempo na natureza de cada um. Se tu ficares aqui, esse será também teu destino. Por isso teus homens agora bestificam.

- Mas eles voltarão um dia a serem homens?

- Talvez. Dependerá do impulso interno. Não há mal na aparência adquirida, são novos seres e não mentiras.

- Estou cansado. Posso gozar de tua hospitalidade?

- Eu te esperava.

Durante anos Ulisses viveu com Circe. De seus companheiros, alguns voltaram a serem homens, outros transmudaram em outros bichos. Quando Hermes chegou à ilha de Circe para avisar-lhe que era tempo de Ulisses ir embora, aquele aos poucos voltava ao normal, mas ainda restavam-lhe chifres e patas de bode.

LUZ: S.F.S. – 1. Haicai de três letras.

2. Ser que não se deixa capturar. A mais variável e fundamental forma de existência, que permite que a vida venha à tona. Pode possuir origens diversas (biológica, radioativa, cósmica) e todas elas se confundem no mesmo fenômeno. Há também a luz própria e a refletida, quanto à origem de sua emanação. A luz não se deixa aprisionar, ela perpassa os seres, e mesmo na fotografia não é a luz que é capturada, somente seu reflexo que faz emergir a luz própria do nitrato de prata em meio à emulsão e ao papel fotográfico. Em alguns lugares, ela é muito dura, quase excessiva, às vezes faca, como no Nordeste do Brasil ou no deserto da Namíbia. Mas nunca é a mesma. Em dias de chuva de primavera ou outono, derrama-se sobre as folhas com doçura, revelando a suavidade das nervuras ou a maciez das pétalas. É de se admirar quando a luz perpassa as gotas de água que se acumulam na felpudez da rosa chamada Príncipe negro, e os tons de vermelho escuro, quase púrpura, parecem sorrir. Ou quando nos pequenos botões a água guardada assemelha-se a uma íris no flolho. Talvez a manhã esteja condensada nos flolhos, que, a se abrirem ou se movimentarem, farão as gotas escoarem lágrimas. No crepúsculo a luz assume tons melancólicos de despedida, não sem antes banhar-se de dourado e rosa para dar lugar ao azul profundo. Se tiveres água e luz em conúbio, terás alguma forma de vida, e resta saber se a luz fecunda os seres como partícula ou como onda. O pensamento poético absorve a luz como onda, por isso pode estar em muitos lugares ao mesmo tempo. A poesia se deixa fecundar e se derrama com a sutileza de um vulcão em fúria. Periodicamente os vulcões regurgitam um tanto da luz que guardaram, o que demonstra que mesmo no mais profundo da terra a luz dorme e quando acorda canta com a alegria de um dragão chinês.

FLOLHO: S.M.S. – Criatura híbrida temporária resultante da associação do orvalho com o centro das flores como rosas, onde em particular o fenômeno foi observado. Não se sabe ao certo se esse ser simbiótico o é da planta ou da água; o mais provável é que seja uma forma de vida dupla que compartilha uma consciência que se abre para os dois lados. Difícil de definir, o flolho talvez seja um órgão simbiótico que dá origem a uma consciência temporária que permite à flor enxergar como um animal e à água a sentir como uma flor. A visão do flolho é panorâmica, em 360º, o que dá às plantas uma percepção à distância e bastante ampla do espaço ao redor, além de sua percepção sensorial imediata, que se dá ao longo de todo o ser da planta, que recebe vibrações da raiz às folhas, e absorve luz, calor, umidade e tudo o mais que acontece através do contato direto. Mas com o flolho a planta enxerga e acrescenta à sutileza de suas percepções a panorâmica das imagens. Em compensação, a água participa da intimidade da planta e dessa comunhão às vezes resulta alguma tristeza, não por causa do ato amoroso entre planta e água, mas pela visão de um mundo destruído. Os flolhos estão na origem dos girassóis, que foi a partir da existência dos flolhos que eles perceberam a beleza do sol e aprimoraram seus mecanismos de emulação.

DESERTO: S.MS. – Os animais do deserto são aqueles capazes de enfrentar fantasmas, pois os desertos são cheios de fantasmas – de civilizações, de humanos, de bichos, de plantas. O ar do deserto é antigo, civilizado, ar de muitas mortes e purificações. Quando ele se desloca no espaço entoa velhas canções fantasmáticas que falam daquilo que ele já viu, das cidades que nasceram e morreram, dos homens que vagaram e desapareceram, das florestas que se transformaram em areia. São lamentos guturais, elegias que espalham poeira e dão ao deserto sua atmosfera lúgubre de quem não consegue esquecer a morte, de quem sabe que o vazio se insinua na ruptura das forças do átomo, na ruptura da própria civilização em direção à barbárie. Pois a barbárie é esse estado em que o vazio predomina, onde as palavras perdem textura e relevância, e todo discurso vira a mera repetição de fórmulas vazias e gestos ameaçadores. Atrás de cada deserto há a barbárie e sua repetição. Desertos não nascem da noite para o dia, nem a barbárie plena. É preciso a reiteração do mal e a passividade dos outros para que a barbárie se fixe. Depois, a secura erodirá a terra, a terra erodida se transformará em areia que o vento espalhará furioso ao longo de gerações. Quando o humano se arruína em ódio nascem desertos. O deserto de fora é uma exteriorização da aridez de dentro, do humano que se esgota. Os animais do deserto são guardiões das ruínas e tesouros de civilizações antigas e das memórias. Guardam as memórias para que não esqueçam que o caminho para o nada é simples e burro.

Maupassant fala do som de tambores nas dunas, quando caía a noite em alguns desertos, mas há muito mais de fantasmas vagando: antigos demônios gozando com a destruição, anjos amargurados por terem destruído cidades, demiurgos cegos escavando fundações de templos que nunca serão erguidos, caravançarás de esqueletos que saem por aí atormentando os vivos que por acaso passem pelo mesmo caminho. A plenitude do deserto é o esquecimento.

SERPENTE DE CHIFRES: S.F.C. – Híbrido de serpente e bovino, possui os atributos de Ísis e Neith. Protetora dos tesouros de antigas civilizações submersas nos desertos, a serpente de chifres possui uma escrita peculiar, com a qual costuma deixar gazais escritos na areia. Elas não assinam os poemas, porque preferem o anonimato. Seguem dois poemas traduzidos diretos do baixo serpentês:

Gazal do Meio Dia

*Passei por aqui num dia de verão*

*Tuas lágrimas a tarde havia*

*Tragado nas areias do deserto*

*Aspirando o ar*

*Vi teus sinais de amor*

*Evaporando na distância*

*Quão longe estamos do Criador*

Gazal da Névoa

*Na madrugada os animais na areia*

*Sorvendo o espírito dos deuses*

*Sob as estrelas*

*Vindo do mar abraço de névoa*

*Alivia o peito*

*Somos tudo nada*

*Na presença*

*Eu sou*

A tradução não dá conta da sutileza do baixo serpentês, nem da caligrafia, que talvez esteja na origem do árabe. Sibilante e seca, sinuosa e dura, o serpentês é uma língua do deserto e as serpentes de chifre são exímias poetas. Seus poemas falam de amores, dos deuses, do tempo, do que é efêmero e do que permanece, em momentos de brilho, concisão e reflexão.

Poderia seguir por listas intermináveis, pois é próprio da poesia reconstruir o mundo em sua totalidade e em suas minúcias, mas é preciso voltar ao chão da poesia e refletir sobre sua natureza.

Temos usado expressões como pensamento e linguagem poética, mas na verdade, são como os dois lados de uma mesma moeda. O pensamento poético é linguagem – os termos se sobrepõem e não são separados como no pensamento conceitual. A linguagem poética tangencia outras linguagens, mas o que a torna mais específica é justamente sua irredutibilidade – a linguagem poética é som, cor, movimento, imagem, mas antes de tudo é palavra, palavra antes da separação dos elementos e depois da transmutação do chumbo, antes que o sol emergisse do mar e depois que o tempo foi tomado de luz, antes que o verbo abandonasse o abismo e depois que ele foi morar em gavetas de escritório.

A poesia possui sua sonoridade própria, mas não é música. Lida com imagens, mas não é pintura, é capaz de solidez, mas não é escultura. É poesia.

Isso não é uma redução ao poético, porque o poético nunca é redutivo, mas sim uma ampliação do poder da palavra além dos muros. Quem seria capaz de dizer algo assim, senão um poeta, senão Lorca?

*Casida VII*

*De La Rosa*

*La rosa*

*No buscaba la aurora*

*Casi eterna em su ramo*

*Buscaba outra cosa*

*La rosa*

*No buscaba ni ciência ni sombra*

*Confin de carne y sueño,*

*Buscaba outra cosa*

*La rosa*

*No buscaba la rosa*

*Inmóvil por el cielo*

*Buscaba outra cosa[[3]](#footnote-3)*

Essa é a outra coisa da poesia, algo que se busca que no fundo é inexprimível, mas que buscando expressá-lo atingimos e encontramos outros sentidos. Como no poema *Bem Webster,* do poeta Floriano Martins:

*Coisas para chamar dentro de si antes que a realidade mude de planos*

*Eu chamo a folhagem do sol ela chama um vislumbre*

*Prolongado quem chama um ramo de palavras desconexas?*

*Lavatório de signos nada de adeus apenas a mímica da semelhança*

*Tu bem que poderias chamar a ilusão para um jogo de*

*Advinha nós chamaríamos o nome coberto de*

*Azinhavre para que se esquecesse de si Falta um*

*Pronome aqui?*

*Alguém bate à porta à procura da fatalidade (...)[[4]](#footnote-4)*

Bem Webster foi um saxofonista norte-americano, mas o poema inspirado nele traduz uma gama tão grande de sentimentos e imagens diversos que Ben Webster ganha a notoriedade de um deus distante, ele também irredutível, tal a linguagem poética. Era Bem Webster astronauta ou deus? Quem sabe dos anjos?

*Alma minha gentil, que te partiste*

*Tão cedo desta vida descontente*

*Repousa lá no céu eternamente*

*E viva eu cá na terra sempre triste (...)*

Jeder engel ist schreckich (Todo anjo é terrível), diria Rilke, e a musa também pode ser terrível, um espinho no coração, a bela dama *sans mercy*, uma deusa gigante e entrópica pronta a nos devorar, tal o mundo a esperar por nós com ares de esfinge:

*E Miguilim olhou para todos com tanta força. Saiu cá fora. Olhou os matos escuros de cima do morro, aqui a casa, a cerca de feijão-bravo e são Caetano; o céu, o curral, o quintal. Os olhos redondos e os vidros altos da manhã. Olhou, mais ao longe, o gado pastando perto do brejo, floridos de são-josés, como um algodão. O verde dos buritis, na primeira vereda (...)*

*Olhava mais era para Mãe. D era bonita, a Chica, Tomezinho. Sorriu para Tio Terêz –“Tio Terêz, o senhor parece com pai...” Todos choravam. O doutor limpou a goela, disse:-Não sei, quando tiro esses óculos tão fortes, até meus olhos se enchem d’água...” Miguilim entregou a ele os óculos outra vez. Um soluçozinho veio. Dito e a cuca Pingo-de-Ouro. E o pai.”Sempre alegre, Miguilim...sempre alegre, Miguilim...” Nem sabia o que era alegria e tristeza. Mãe o beijava. A Rosa punha-lhe doces-de-leite nas algibeiras, para a viagem. Papaco-o-Paco falava, alto, falava.[[5]](#footnote-5)*

Alguma vez o mundo foi descoberto senão pela poesia? Mesmo quando a ciência avança em descortinar algo novo no mundo, é à palavra que é facultado dar a dimensão a descoberta, com figuras de linguagem traduzindo em aproximações um mundo difícil de ser explicado. O poeta também quer um novo mundo:

*A Chave*

*Onde estás eternidade*

*Nasci para te encontrar*

*Habituei-me à minha forma*

*Já estou cansado de me ver*

*Estou Cansado de me interrogar*

*De decifrar as mesmas cores*

*E de acolher os mesmos sons*

*Quero novos elementos*

*Onde estás eternidade[[6]](#footnote-6)*

A eternidade está a um passo do símbolo à realidade, expressão esta que é o subtítulo da edição da Real Academia Espanhola junto com a Associação de Academias de Língua Espanhola, a uma edição de obra de Ruben Dario. Mas no caso da poesia a passagem do símbolo à realidade não é uma queda, mas uma conexão em scalinata, que tornao símbolo mais concreto e a realidade mais fugidia, no fundo é como viajar na atmosfera da Terra, que hoje se sabe que vai além da Lua. Não é uma separação, mas uma continuidade.

E tudo isso a poesia faz sem sair do lugar, ou seja, sem deixar de ser palavra. Não se trata, aqui, de análise combinatória, mas de explorar o fundo inesgotável do *logos:*

*ουκ εμου αλλα του λογου ακουσαντα ομολογειν σαφον εστινεν παντα ειναι*

*Ouvindo não a mim, mas ao logos, é sábio concordar ser tudo-um.[[7]](#footnote-7)*

Aqui entramos nos mistérios do logos. É possível pensar substancialmente uma unidade de todas as coisas pelo fundo comum da gramática de partículas que forma a matéria-energia; entre spins, quarks, elétrons, nêutrons, etc., é a gramática das partículas que determina as especificidades da matéria, de maneira a que um elefante não seja o mesmo que uma árvore, ainda que no fundo comum da matéria haja as mesmas letras e palavras. Plurisignificação da matéria: se a natureza se organizasse conceitualmente o mundo seria plano. A gramática da matéria é esferoidal e multiplanar, mas é o logos quem garante que a unidade aparente a diversidade.

Tudo é um. Panta Rei.

E a poesia flui ainda mais.

Mas o poeta não é um títere à maneira platônica (como no Íon), um anel de ferro numa cadeia magnética; o poeta está mais para um cosmonauta, que a cada passagem ou a cada passo da viagem registra planetas, astros e demais viajantes siderais que encontra. Poemas são diários de viagens.

De alguma maneira, parece que estamos em meio a uma guerra antiga, da razão de dominação contra o espírito poético, da dominação contra a liberdade, da esquizofrenia contra a totalidade, e essa guerra está em tudo e dentro de nós.

Com a alma tomada por essa ânsia total, os poetas sofrem mais que todos a pressão do tempo e das mãos sombrias da dominação, porque lutar contra a opressão para eles não é um gesto de mera exterioridade, mas um compromisso íntimo de restituir ao mundo sua sanidade poética. Sanidade poética não é normalidade burguesa.

Contracorrente o rio da poesia flui em direção ao mar. Desce em fluxo ritmado, mas esse ritmo não é música, é o ritmo da ordem interna das palavras:

*Mensagens, 1 – Enquanto Leio Allen Ginsberg*

*Porque o mundo é mágico*

*Eu escrevo instalado em um canto tranquilo da cidade*

*Onde servem café*

*E sei-me parceiro das leis secretas que regem o real*

*Você enxerga / eu enxergo à frente / atrás*

*O que foi e o que será*

*Poesia é isto: saber olhar*

*Atentamente, distraidamente*

*E contar*

*Tudo o que ninguém precisa saber[[8]](#footnote-8)*

Contar o que ninguém precisa saber, porque as palavras contadas, medidas, utilitárias, são aquelas de circulação comum, o que se precisa saber no cotidiano, o preço do pão sem poesia, os índices de inflação, as asneiras ditas e reiteradas de certo presidente. A poesia, nesse sentido, é um luxo da linguagem. “Jamais saberás o que é bastante, se não souberes o que é mais que bastante (William Blake)”. A poesia é para aqueles que sabem o que é mais que bastante, que querem ir além da sordidez do cotidiano dentro do próprio cotidiano. Já ouvimos canções nas gotas de orvalho em flores urbanas e o acaso já desenhou cosmos na gasolina no asfalto, enquanto um coro de sapos anunciava o fim do mundo perto do metrô. E deveria sê-lo. Quem duvidaria das vozes dos sapos numa noite de verão? Eu não duvidaria, até porque há muitos ragnaroks no dia à dia, o fim do mundo acontece todo dia em algum lugar, a maravilha é que o mundo recomece sempre, e sempre com a mesma alegria. Mesmo tristes, os poetas são alegres, pois para eles tudo é matéria de poesia:

*Poesia, te escrevo*

*Agora: fezes, as*

*Fezes vivas que és*

*Sei que outras*

*Palavras és, palavras*

*Impossíveis de poema.*

*Te escrevo, por isso,*

*Fezes, palavra leve,*

*Contando com sua*

*Greve. Te escrevo*

*Cuspe, cuspe, não*

*Mais; tão cuspe*

*Como a terceira*

*(como usá-la num*

*Poema?) a terceira*

*Das virtudes teologais[[9]](#footnote-9)*

Nada mais nos choca no poema de João Cabral, porque as fezes do poema nada são comparadas à m. de uma realidade assombrosa, mas por conta da linguagem aceitamos as fezes como a pétala que faltava à flor do poema.

Mas os poetas são tristes mesmo quando estão alegres, porque a poesia os reconcilia com o mundo, mas o mundo nunca se reconcilia consigo mesmo:

*Não me digas mais nada. O resto é a vida[[10]](#footnote-10)*

*Sob onde a uva está amadurecida*

*Moram meus sonos, que não servem nada.*

*Que é o mundo? Uma ilusão vista e sentida.*

Uma ilusão que a poesia torna possível como realidade, e a realidade sempre está entremeada de beleza, sob a trama do mundo a beleza se insinua:

*Invasão*

*Quando abri os olhos*

*Todas as flores*

*Me tomaram de assalto*

*E nem era meio-dia[[11]](#footnote-11)*

Esse olhar do poeta resgata o elo de nossa sensibilidade com as coisas presentes, torna o presente palatável, experiência de reconciliação, o verdadeiro religare, sem nenhum pastor a nos encher o saco com fraseados pobres e moralidade barata. É bom escrever: sou pagão até a kundalini dos ossos, do mesmo paganismo imanente de Spinoza e do próprio Jesus que, convenhamos, nunca fundou igreja nenhuma. Converso com plantas (já pedi desculpas muitas vezes a plantas que machuquei sem querer), com bichos, vejo sinais caligráfico-cabalísticos no jogo das ondas, no voo dos pássaros, na epifania do besouro dourado que às vezes aparece, nos sinais fortuitos de números repetidos trazendo mensagens do lado de fora da câmara escura. Não me entendo bem com repteis tais como crocodilos e tartarugas. Símbolos nefastos. Outra coisa é ser visitado pela baleia branca e receber conselhos de Sedna e descobrir que a vida é maior que tudo, quiçá até dos deuses.

Isso importa? Importa, na medida em que esse escrito é público e não quero mentir para ninguém, levo a poesia muito a sério e não vou segurá-la com véus de chumbo nem construir diques para refreá-la. Você que chegou até aqui tem agora a possibilidade de sair caso esteja em busca de normalidade. Há muito tempo que sei que o aparente é uma crista de onda, mas procuro viver na onda inteira. Se vai continuar aqui é por sua conta e risco.

Em algum lugar dos Diários de Tarkovski, ele diz que ‘a felicidade não é a coisa mais importante da vida’, talvez não com essas palavras, mas com esse sentido. De um ponto de vista freudiano (Freud, A Negação), ao dizer que a felicidade não é a coisa mais importante Tarkovski estaria intimamente afirmando o contrário através de uma negativa (A felicidade não é importante=como eu queria ser feliz). Sem pensar arqueologicamente como Freud, a frase de Tarkovski é um antídoto contra todo tipo de lixo de autoajuda, que enfatiza, pela superfície das coisas, uma positividade falsa. Até criaram uma ‘psicologia positiva’, que já em sua denominação e conceituação, é falseada, já que a psique não se prende às extremidades (positivo/negativo), mas está compreendida na trama do intra-psíquico e ao jogo das sombras e meias luzes, que por sua vez está involucrada na intra-existência. Esses psicólogos de superfície navegam na ponta dos icebergs e acham o dia bonito, sem saberem que por baixo o gelo se derrete e os vermes aceleram a desintegração. Mas essa é uma tendência da época, navegar pela superfície das coisas e achar que a partir de uma câmera 360º já se terá uma visão total do horizonte, quando somente um reflexo parcial do todo é captado. Claro que o todo sempre foge, mas na medida em que o buscamos, fazemos novas descobertas e a respeito de si mesmo é impossível autoconhecer-se sem assumir todos os lados de si.

A mera atitude positiva não afastará as zonas sombrias. Esse espírito positivo é oposto ao espírito poético, até por instrumentalizar a interioridade com vista a valores e interesses de fora (rendimento ao trabalho,liderança, etc.).

Língua, minha puta pura, a que abismos me levais assim embriagado? Em que barco, em que salto me deixais nessa catarata sobre o abismo? Língua, minha prata pura, que phosporo irradias nua de tua pele sem metal? Que jogo de espadas escondes em teus braços quando escandes o mel de cada verso? Ó língua, prata e puta, pura e rara, de tua sede quero perguntas, não respostas, de tuas marcas quero mapas, não certezas. Prefiro teus abismos a planisférios secos, língua, minha estrela.

A poesia é boa companhia, mas viaja só. A música muitas vezes pede seu auxílio, a pintura e as artes em geral recorrem a ela, mas ela sai sozinha pelo mundo. Às vezes se associa em simbioses em que nada ganha, mas só ela se afirma, criando ela mesma o chão onde pisa. Flutuando no espaço, em letras de néon ou papéis dobráveis, a poesia paira, a poesia panta, a poesia pára.

Das Dificuldades Que Os Poetas Enfrentam

ATERRISAR: Tecnicamente, essa é uma dificuldade comum a poetas e astronautas. Todo aquele que enfrente a gravidade passará por aquele momento em que, depois de voar ou pairar pelo espaço, deve voltar à terra, e as Erínias da gravidade e da pressão atmosférica querem cobrar seu peso em ouro pelo fato de você ter desafiado o mecanismo universal da gravidade sem ser um deus. O primeiro passo é entrar na atmosfera, ainda que no fundo nunca saíamos dela, porque ela está dentro de nós. Mas afastados da Terra, ao retornarmos encontramos a atmosfera em fogo a nos receber. Então nos queimamos por inteiro, até a cinza mais perfeita, até que passado o fogo ressurgimos, portadores de uma extrema paciência. Continuamos a descida, sem ordem nem método (e aqui nos diferenciamos dos astronautas), porque não nos ocorre pensar, o voo é instintivo, migratório. Aí a gravidade nos chama com força, como se quisesse nos esmagar, joaninha sob a pata do elefante. Vagamos de um a outro lado, desviando-nos das ‘carecas de mosquito’ stalkereanas para não sermos esmagados, até atingirmos o chão, que nunca nos pareceu mais duro que nesse momento. A força é tanta que aterrisamos surfando na superfície, fechamos as asas e saímos por aí disfarçados de cidadãos comuns tentando fugir das forças do mal.

A MORTE: Sendo a morte ao mesmo tempo uma cessação de um tipo de vida e também passagem entre lugares do cosmos, a dificuldade dos poetas não é morrer, mas resistir aos convites da morte. Não se trata de niilismo, mas de excesso de vitalidade poética, que parece que não cabemos no mundo, e a morte nos soa como um chamado. Anna Madalena Bach conta em suas memórias que Sebastian Bach frequentemente pensava na morte, e Bach não é um exemplo de niilismo, muito pelo contrário. Ser entre mundos, o poeta oscila aqui e lá, seja lá o que esse ‘lá’ for. Mas por mais que a morte venha tal uma deusa branca ou uma bela dama *sans merci*, os poetas resistirão ao abraço fatal se se acostumarem a viver no ‘entre’ e não em um lugar geograficamente identificável e aí farão poemas à morte, que obsequiosamente os recebe como oferendas, talvez propiciatórias...

*O Desencontro*

*Cheguei cedo, não estavas lá*

*Fiquei a rememorar nomes de embarcações*

*Rotas, direções*

*A brisa era triste como são*

*Aquelas do entardecer*

*Talvez nu, nomes eram incertos*

*Pensei ter ouvido tua voz entre os gritos dos pássaros*

*E o verde de teus olhos insones*

*No vagido das marés*

*Era abril, julho, quase maio*

*Tantas vezes nos perdemos*

*Nesses lugares perdidos pelo cosmo*

*Rumores de fúria pelas ruas*

*Tentavam*

*Abafar o canto dos poetas*

*Sem ti não haveria travessia*

*Bebê oceano dormia*

*Acordado, eu te esperava*

*Em algum lugar do cais[[12]](#footnote-12)*

DORMIR: O sono é o irmão gêmeo da morte, portanto compartilha com a irmã as mesmas prerrogativas de ser estado e gesto, atitude e porta. O poeta é um ser desperto (pelo menos aqueles que considero poetas, ainda que essa seja uma taxonomia muito particular), no sentido surrealista de quem vive outra realidade, talvez invertida. A dificuldade reside em conseguir desligar, em adormecer frente ao maravilhoso, para poder viver a vida comezinha de todo o dia, minimamente garantindo ao corpo pão, vestimenta e abrigo. Por isso que poetas são excessivos, porque carregam muito dos mundos por onde passam, que às vezes são antípodas geográficos, morais ou dimensionais.

RELAÇÕES CONTRATUAIS: Sendo o contrato um compromisso firmado com alguém ou algo, é muito difícil imaginar poetas firmando quaisquer formas de compromisso quando já são absolutamente tomados pela poesia. Como se comprometer com o que quer que seja quando as bodas com a poesia exigem todo o ser do poeta? Poesia é presença inteira, não meia bandeira.

VIOLÊNCIA: Marx disse, creio que no Capital, que a violência é a parteira da história, e deve ser assim, mas também por isso que a história dá errado: ninguém cuida do bebê depois do parto. Abandonada, criada ao deus dará, a história caminha com a violência, e com ela só parece ser capaz de engendrar símiles. As parteiras da história seriam...novas parteiras, em meio a um ciclo emsombrecido. A violência, no fim das contas, a nada engendra, a não ser a si mesma. Poetas têm dificuldade de lidar com a violência. Por mais que às vezes ela pareça ser justificável – como violência defensiva – no íntimo sabemos que qualquer violência é fora de controle, porque ela é sempre uma desnaturação do humano. Agir com violência contra outrem é não reconhecê-lo como semelhante, e no plano geral os poetas tendem a reconhecerem o outro como humano, ainda que no particular tenhamos nossas ojerizas contra banqueiros, fascistas, nazistas, stalinistas e todos os idiotistas. Penso nos poetas que lutaram na Revolução Russa, como o genial Klebnikov e Mayakovski, ou nos poetas que lutaram na Resistência Francesa, como Desnos, ou mesmo o filósofo Jean Amery, brutalmente torturado pelos nazistas. Às vezes é preciso lutar com armas, mas a qual custo? O que fazer, fugir como Breton ou lutar como Desnos? Isso é um dilema ético. Mas parece-nos que ao cedermos à violência das armas aceitamos as armas da violência e dessa forma aumentamos sua fertilidade, sua capacidade de reproduzir-se. No *Arcano 17*, Breton transcreve um texto (Luz Negra) anteriormente publicado, onde ele contesta essa lógica da guerra e do discurso belicista, assumido por muitos durante a Segunda Guerra Mundial, como por Paul Eluard e Louis Aragon. Ao resistir ao discurso belicista Breton tem consciência de que é preciso romper o círculo vicioso que acha que há violência justificável e que por fim acaba justificando novas formas de dominação que foram oriundas da violência, como o próprio Eluard justificando os crimes do stalinismo. O caso de Desnos é diferente: ele não exalta a violência, mas a liberdade. Mas o que é a liberdade? E nesses dias atuais que os chacais do fascismo andam pelas ruas, o que fazer, como fazer? Enfrentar as manifestações com pedradas ou andar em grupo e evitar as manifestações dos monstros? Essa é uma duvida sincera. De alguém que odeia o fascismo e qualquer forma de violência, mas que sabe também que por trás dos discursos pacifistas se encontra muitas vezes a vontade burguesa de que alguém seja sacrificado no processo histórico, ficando em paz. Ou seja: quieto, aceitando a opressão de cima.

Poetas são seres eróticos e a violência é uma forma de perversão não desejada.

PAGAR AS CONTAS: Por diversas razões. Em primeiro lugar, uma dificuldade em lidar com a lógica. Em segundo lugar, o dinheiro mesmo, que geralmente é escasso. Savinien de Cyrano herdou uma boa soma após a morte de seu pai, mas em pouco tempo não tinha mais nada (é o que a história conta), e acredito que ele nem era um perdulário, talvez só não tivesse medida de valor. O stalinista Nicolás Guillen, que escreveu um poema exaltando o assassino de Trotsky, ganhou na loteria e viveu bem – esse não é um bom exemplo, stalinistas como ele e Neruda mancham a poesia. Oswald de Andrade era um burguês perdulário, Klebnikov passava fome e Mandelstan também. Hugo viveu muito bem, mas que eu saiba nunca recusou-se a ajudar quem lhe procurasse, a mesma coisa com o fascista Pound, crítico do dinheiro e da usura, mas também um fascista exaltado conclamando massacres contra os judeus. Há também o comedimento pessoano. É melhor viver de queijo de cabra e mel que viver pensando em dinheiro e pagar contas, mas onde viver assim? Como não vender a alma para pagar as contas? Principalmente quando não se é um burguês e tudo é difícil desde o começo? Qual sacrifício a se fazer para não se sacrificar a alma, a interioridade mais recôndita onde o ser se articula como linguagem, sem conspurcar essa fonte interior? A linguagem não vem de fora, é um intra e intermundos.

Uma peculiar noção de valor está por trás dessa dificuldade em lidar com o dinheiro e com a violência. O pensamento poético não se utiliza da categoria valor de troca. Quando a língua força a passagem para um novo campo semântico de relações não arbitrárias, estabelece uma nova ‘economia da língua’ que traz em seu bojo uma noção de valor totalmente diferente do usual – que é a de valor de troca, base da ideologia capitalista, e que permeia não somente as relações econômicas em si, mas todo o conjunto das relações: para o burguês, toda relação é econômica. Assim Marx define o valor de troca:

*“Uma coisa pode ser valor de uso sem ser valor. É esse o caso, quando sua utilidade para o homem não é mediada pelo trabalho. Assim o ar, o solo virgem, os gramados naturais, as matas não cultivadas, etc. Uma coisa pode ser útil e produto do trabalho humano, sem ser mercadoria. Quem com seu produto satisfaz sua própria necessidade cria valor de uso, mas não mercadoria. Para produzir mercadoria, ele não precisa produzir apenas valor de uso, mas valor de uso para outros, valor de uso social (...). Finalmente, nenhuma coisa pode ser valor, sem ser objeto de uso. Sendo inútil, do mesmo modo é inútil o trabalho nela contido, não consta como trabalho e não constitui qualquer valor.[[13]](#footnote-13)*

É plausível pensar que a língua tenha absorvido e incorporado esse fundo das relações sociais no caráter arbitrário do uso da gramática, nas relações entre as palavras e na constituição de um ‘corpus’ ideológico-linguístico de produção escrita que reflete isso. Que o diga a literatura corporativa, os livros de economia e autoajuda. Mas não é este o caso dos poetas.

Que a palavra possua para o poeta um valor de uso é evidente. Possui um valor de uso, pois é buscada pelo efeito que ela provoca no meio ambiente do verso, mas esse uso pode ser totalmente desvinculado de sua natureza comum:

*A Blasfêmia da Vez:*

*Por muitos anos*

*Amei uma planta aquática*

*Enleava-me em seus fios de lodo e seda*

*Gozava*

*Durou pouco[[14]](#footnote-14)*

Ou

*Manhã Metafísica*

*Os pássaros juntando conchas*

*Refazem pacientemente as pirâmides*

*A manhã calça luvas de vidro*

*Para operar afogada[[15]](#footnote-15)*

Pássaros construindo pirâmides e homens envolvidos com plantas aquáticas, eis outro valor de uso às palavras.

Poetas são contemplativos, e se dão às palavras um valor de uso, não fazem o mesmo com as coisas. Os poetas restituem às coisas naturais a dimensão maior que elas possuem, pela sua grandeza e beleza intrínsecas. Não são os poetas que destroem florestas pensando em pastos ou destroem parques pensando em shoppings: os poetas reconhecem na natureza a grandeza que os transcende:

*Partida*

*No dia vinte e sete do terceiro mês, o céu do albor clareava aos poucos, e a lua ainda conservava certo brilho; via-se distante e vagamente, o cume do monte Fuji. Ao imaginar os ramos das cerejeiras em flor de Ueno e Yanaka, senti um aperto no coração e me perguntei se voltaria a vê-los floridos. Meus amigos e discípulos, que desde a noite anterior haviam se reunido para a despedida, acompanharam-me em barcos. Ao desembarcarmos em um lugar chamado Senju, o pensamento nos três mil ri que me esperavam oprimiu o meu peito. Derramamos prantos de adeus a esta cidade como uma ilusão de nossa frágil existência.*

*Vai-se a primavera*

*Pássaros cantam, e lágrimas*

*Nos olhos dos peixes[[16]](#footnote-16)*

Ou:

*Elegia*

*4*

*Escuto a chuva batendo nas folhas, pingo a pingo*

*Mas há um caminho de sol entre as nuvens escuras*

*E as cigarras sobre as resinas continuam cantando*

*Tu percorrerias o céu com teus olhos nevoentos,*

*E calcularias o sol de amanhã*

*E a sorte oculta de cada planta*

*E amanhã descerias toda coberta de branco*

*Brilharia à luz como o sal e a cânfora,*

*Tomarias nas mãos os frutos do limoeiro, tão verdes*

*E entre o veludo da vinha verias armar-se o cristal dos bagos*

*E olharias o sol subindo ao céu com asas de fogo.*

*Tuas mãos e a terra secariam bruscamente.*

*Em teu rosto, como no chão,*

*Haveria flores vermelhas abertas*

*Dentro de teu coração, porém, estavam as fontes frescas,*

*Sussurrando.*

*E os canteiros viam-te passar*

*Como a nuvem mais branca do dia[[17]](#footnote-17)*

Há sinais cabalísticos nas árvores e uma ternura indefinível no orvalho, mas isso não é visto por aqueles que enxergam o mundo todo como uma grande mercadoria. Mas por mais animistas que os poetas sejam, eles não subsumem ao medo. Por mais animistas que sejam, percebem no todo um fundo comum de solidariedade entre todas as coisas, o que lhes dificulta em objetificá-las em uso, troca ou destruição.

OS SENTIMENTOS, OS AMORES: Poetas são plantas de muito sentimento, decompondo gás carbônico, devolvendo amor ao mundo. Sem pensamento, sem medida. Amam agora, com a intensidade de um tsunami, um vulcão em ebulição contínua. Daí pensar, por analogia, que o Kilauea é um grande poeta, cuja poesia é ela toda lava e pedra. Alguns poemas endurecem em contato com o ar, outros não. Acontece o mesmo com a lírica amorosa, do sentimento medido à poesia medida, do sentimento exaltado ao poema em ebulição.

A dificuldade é tornar o amor sociável, decodificado, palatável. Circunscrevê-lo aos limites habituais, quando na verdade os poetas vivem entre a exaltação e a ebulição, mas precisam cuidar de si para não sucumbirem à própria paixão. Mas na maior parte das vezes não conseguem.

Lembro-me de um caso singular, narrado em primeira mão por Hannah Arendt na sua correspondência com Mary Mccarthy: ela relata, em uma das cartas, no período nova-iorquino, que ela um dia recebeu a visita do seu amigo William Auden, que entrou em sua casa completamente bêbado, tropeçando nas pernas, e veio declarar seu amor a ela. Aquele que era considerado um dos maiores poetas contemporâneos de língua inglesa com aquela que era uma das maiores pensadoras do século XX, ambos já sexagenários, se não me falha a memória. Uma circunspecta Hannah Arendt despachou um Auden etilicamente claudicante para casa. Nada serve mais para ilustrar o impulso poético-amoroso que a diferença entre a atitude de Auden e a de Arendt, o poeta e a filósofa. Ainda que Auden fosse um poeta mais racional, sua racionalidade não era da do mesmo tipo da de Hannah Arendt. Isso aconteceu cerca de três semanas depois da morte de Heinrich Blucher, marido de Hannah Arendt, em 1970. Auden cedeu a um impulso, que em si mesmo era poético: um senhor sexagenário ainda buscar o amor já é um poema, e que esse senhor seja um solitário poeta inglês completa o quadro. O poético não consegue dissociar a língua e o pensar do quadro geral do ser, não possui um pensar distanciado de si. Talvez por isso Cornélio Frontão recrimine os filósofos dizendo que estes podem mentir e os literatos não. O literato está presente no que escreve e no que fala, diz Frontão. Em que pesem as atitudes diferentes, é justo dizer que Arendt ficou extremamente preocupada com Auden e seu pedido inusitado de casamento.

Da Inglaterra para a Rússia: Maiakovski e Lila Brik. Maiakovski é outro poeta que reivindica à poesia uma dimensão fabril, mas no final das contas busca um absoluto poético-amoroso que fez sua língua poética transcender o horizonte imediato do poema russo. Jakobson diz que nunca houve na poesia russa um verso como o de Maiakovski. Trotski, num feliz artigo publicado no livro Literatura e Revolução, diz que o poeta (Maiakovski) mayakovskava tudo, seu eu poético era gigante e estava presente em todas as coisas, mas seu amor por Lila Brik vai além do eu, ainda que o poeta tenha se perdido no labirinto da paixão amorosa e não tenha ficado com Lila Brik.

Metade do peito dos poetas morre afogada em tristeza e álcool, a outra metade resiste e faz poesia. Se as duas metades trabalharem juntas, nascem poemas absolutos, mas para isso é preciso vencer a tristeza.

Essa não é uma poética, a não ser uma poética particular e peculiar. Talvez seja só uma maneira de pensar o amor e o distanciamento pelo mundo, naquilo que esses sentimentos possuem de mais particular, próprio, onde meu sangue indígena, português, negro, reivindica uma viagem de retorno, como se fosse possível me desmembrar e me lançar ao mar, em busca da terra sem males, do amor absoluto, da liberdade pura, num mundo criado à imagem e semelhança aos gestos das crianças, aos olhos dos pássaros, ao voo dos hipocampos, e voltasse da viagem carregado de sal e imagens de lugares distantes que não dizem de mim senão que fui asa, um rosto velado num bazar oriental, ponta de flecha e uma canção portuguesa em feminina voz, e tentando abraçar o mundo fui partido em muitos, Osíris do agreste nas areias de Bertyoga, pássaro debatendo-se numa gaiola de concreto, eu o mesmo rio, novas águas, peixe, pedra solta na imensidão cósmica, quem sou, senão uma pergunta lançada ao tempo, uma lembrança, uma corda vibrada nas dimensões da poesia, alguém que procura a beleza nos olhos da multidão e só encontra tédio e desespero, então o mar, de turquesa e anêmona, me abraça com tenazes de água e diz: vida, és o que és, vida agora, pulsando aberta ao mistério, falo em ereção tal um monumento ao sol.

Não sou periférico, sou cósmico, não sou brasileiro, sou um gesto, um olho na paisagem do mundo, não me chame para patriotadas, não me venha com panelas, distintivos ou bandeiras, trago em meu corpo, onde lhe é mais secreto, as cicatrizes da angústia da história, não temo olhares de ódio ou desprezo, aprendi a caminhar só.

De que adianta tudo isto? Talvez nada. Poemas são garrafas lançadas ao mar, cheias de sortilégios e presságios, talvez alguém as encontre, talvez o poema fique preso na garganta ou nas asas de uma fragata, quem saberá qual o destino das palavras? Só nos resta lançar ao mar todos os poemas até que este transborde de canções secretas e poemaldições que ameaçarão os tiranos de plantão.

Um dia desatei o nó do meu peito e jorraram versos; não era água suja, era a mais pura, vinda de fontes subterrâneas onde a terra guarda os germes d’água e os segredos do sol. Não havia razões para parar o nascer das águas, ainda que a aridez ao redor bebesse tudo o que saía de mim.

E a pergunta fundamental, porque escrevo, talvez não se resolva. Como outras perguntas fundamentais como quem eu sou, o que fazemos, porque estamos aqui nesse tempo espaço. Não sei ser outra coisa, senão escrita, mas a escrita é a última etapa de uma lenta e secreta elaboração do logos, que emerge da natureza para o ser. Do indefinível para o espaço circunscrito da mente. Sou flores noturnas emulando a Via Láctea, sussurro entre as folhas, golfinhos guiando navios, pássaro que se lança no abismo.

As pegadas dos bichos são suas marcas de passagem. Nem sempre as pegadas expressam a real significação, para a natureza, para o todo do meio-ambiente, daquilo que aquele animal dono da pegada realmente significa: animais maiores e mais pesados deixam marcas mais evidentes, mas aqueles que não querem aparecer disfarçam seus rastros, obscurecem sua passagem, para que o tempo nem os perceba, a não ser quando necessário. Assim também nós humanos deixamos nosso rastro pela existência: espalhado ao longo do tempo, os sinais de nossa caminhada, nossos sins, nossos nãos, nossa hesitação; quando rastejamos, quando voamos, quando fomos flor, quando nos arrastamos feito pedras no deserto. Adiante e atrás de nós cruzamos com outros caminhares, misturamos nossas pegadas, confundimos nossos rastros, às vez até os unificamos com os de alguém, para depois separarmo-nos e voltarmos à solidão própria do viver. Bicho nahual, hipopótamo, hipocampo na areia do mar, bernardo-eremita arrastando sua concha em padrões geométricos. Fomos duros, fomos sutis, fomos tornado e beija-flor, transitórios e sagazes, abruptos e vagantes. Em cada passo acompanhou-nos uma poesia, a retórica confuciana de um Camões inexistente, algumas Pessoas e Personas, Pão e Vinho holderlinianos, estrelas bretonianas, processos e fantasmas, gazais e miguilins, o diabo e a rosa, redemoinhos e lírica de água. Quando quase morri, carreguei o trovão, Sedna me avisou antes, Kilauea me interpelou depois. Viagens xamânicas, viagens cósmicas. E quando for morrer de novo recusarei o clorofórmio e a morfina, recusarei ceder meu corpo à mais-valia do corpo improdutivo, essa lógica hospitalar que torna o corpo adoecido uma fonte de lucro. Deixem que a vida, o corpo, decida. Esse lugar do tempo, esse hoje cheio de intensidade é o lugar dele, o ponto matemático de uma equação que conjuga história, vida e mundo no infinitivo. *In illo tempore* era uma vez a voz de Katsimballis acordando os galos da Ática, assim como eu mesmo caminhei em estradas de terra antes da manhã se levantar e a chuva apagar nossos rastros, e num barco bêbado pousar na lua, buscando os restos de Dionísio, abandonado pelos titãs; ó lua, porque guardas o sol em tuas coxas? E seguimos adiante, centauro e aprendiz cruzando o sertão, encontrando mortos e outros em procissões, cruzamos a matéria até sairmos do outro lado do papel milimetrado, esquadrinhado por deuses perversos e dionísios e dianas encantadas, prontos a nos resgatarem das mãos do falso demiurgo. Assim fomos felizes na travessia, despedimo-nos da razão, recolhemos âncora, levantamos vela, eia, adiante: vamos viver o tempo que nos resta!

*Pós-escrito*

*Talvez a beleza seja um vício, aliás, uma droga, e a permanente busca estética seja vício. Somos cativos da beleza, e hoje, dessa beleza entremeada de feio e filigranada de horror e de vácuo.*

*Vida é movimento, mas a modernidade nos conduziu à velocidade estática das redes, onde nos movemos sem sair do lugar. A vida sem movimento real é um vazio insípido e sem sentido. A vida na pura mecanicidade social também é vazia e sem sentido.*

*A beleza pode ser essa droga que seduz, pode nos induzir à paralisia ou nos libertar, a depender se somos escravos ou senhores da beleza. Ou melhor: ativistas da beleza.*

*No instante em que colocamos o pé na poesia, não saímos mais desse lugar que a poesia é. Lugar fora da história. Lugar dentro da história. Lugar além da história. Mas um lugar particular.*

*Da poesia usamos telescópios, periscópios, binóculos, radares, radiotelescópios, lunetas, espectrômetros, medidores de ondas gravitacionais.*

*De lá podemos enxergar o mundo de uma perspectiva paisagística ou de uma perspectiva interior, que pode transformar-se numa panorâmica. De um plâncton na barriga de uma beluga, o que ele vê pode ser horizonte? Sem olhos, mas sensível à luz, o que é para ele a claridade? Somos plâncton no Leviatã da história, que é o mundo em tempo. Debaixo de eras geográficas e idades cósmicas, soterrado por muitos zeros do passado, o poeta transiciona o ser dentro e além das coisas. Ser intraterreno, intracromático, intracrônico, pode ser também o alien, a luz que penetra na câmara escura e se desenha imagem.*

*O inferno é o lugar onde a usura se apossa da beleza, e a beleza assim sequestrada não leva a nada, não diz nada, só nos conduz ao abismo do vazio.*

1. Αρχε: Arché, S.F: origem, poder, antiguidade, termo que em grego define aquilo que é original, de onde emana o poder e a origem de algo. [↑](#footnote-ref-1)
2. Miguilim e Grivo são personagens da novela CAMPO GERAL, de João Guimarães Rosa, que faz parte do livro CORPO DE BAILE, publicado originalmente em 1956. CARA DE BRONZE é outro texto (uma novela-roteiro-de-cinema-enciclopédia-poema...) que também faz parte de CORPO DE BAILE, e onde o personagem GRIVO, que aparece como personagem secundária, no CARA DE BRONZE reaparece com maior protagonismo. [↑](#footnote-ref-2)
3. LORCA, Federico Garcia. *O Divã do Tamarit.* São Paulo: Edi. Globo, 2014, p. 68, De La Rosa [↑](#footnote-ref-3)
4. MARTINS, Floriano & IRIS, Manuel. *Overnight Medley.* Fortaleza: ARC Edições, 2014, p. 105 [↑](#footnote-ref-4)
5. ROSA, João Guimarães. *Corpo de Baile – Vol. I –Edição Comemorativa dos 50 Anos.* Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 2006, p. 133 [↑](#footnote-ref-5)
6. MENDES, Murilo. *As Metamorfoses.* São Paulo: Cosac Nayf, 2015, p. 101 [↑](#footnote-ref-6)
7. COSTA, Alexandre. *Heráclito – Fragmentos Contextualizados.* São Paulo: Odysseus Editora, 2012, p. 126/127 [↑](#footnote-ref-7)
8. WILLER, Cláudio. *A Verdadeira História do Século XX.* São Paulo: Editora Córrego, 2016, p. 27 [↑](#footnote-ref-8)
9. MELO NETO, João Cabral de. *Poesia Completa.* Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, p. 77/78 [↑](#footnote-ref-9)
10. Pessoa, Fernando. Poema do *Cancioneiro. Obra Poética.* Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 2007, p. 185 [↑](#footnote-ref-10)
11. Sousa, Gledson. *Poema Inédito*  [↑](#footnote-ref-11)
12. SOUSA, Gledson. *O Desencontro.* Poema inédito [↑](#footnote-ref-12)
13. MARX, Karl. *O Capital – Vol. I.* São Paulo: Ed. Nova Cultural, 1988, p. 49. [↑](#footnote-ref-13)
14. WILLER, Cláudio. *Estranhas Experiências e Outros Poemas.* Rio de Janeiro: Lamparina Editora, 2004, p. 51 [↑](#footnote-ref-14)
15. MENDES, Murilo. *As Metamorfoses.* São Paulo: Cosac Nayf, 2015, p.67 [↑](#footnote-ref-15)
16. BASHÔ, Matsuó. *Trilhas Longínquas de Oku.* São Paulo: Escrituras, 2016, p. 19 [↑](#footnote-ref-16)
17. MEIRELES, Cecília. *Antologia Poética.* Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2001, p. 85 [↑](#footnote-ref-17)